

PHILIP ROTH

Nêmesis

Tradução
Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Philip Roth
Todos os direitos reservados

“I’ll be seeing you”, escrita por Irving Kahal e Sammy Fain © 1938 (Renovada em 1966, 1994), The New Irving Kahal Music (ASCAP)/ Administrado por Bug Music e Fain Music Co. Todos os direitos reservados. Permissão de uso. Reproduzido com permissão de Hal Leonard Corporation.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Nemesis

Capa

João Batista da Costa Aguiar a partir de projeto de Milton Glaser para a edição original (Jonathan Cape, Londres, 2010)

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip

Nêmesis / Philip Roth ; tradução Jorio Dauster. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2011.

Título original: Nemesis.
ISBN 978-85-359-1931-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

11-07901

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. Newark Equatorial

O primeiro caso de poliomielite naquele verão foi registrado no começo de junho, logo depois do Memorial Day, feriado que marca o começo da estação, num bairro pobre de italianos do outro lado da cidade. Ali onde morávamos, numa área do sudoeste chamada Weequahic e ocupada por judeus, nada soubemos sobre isso nem sobre os outros doze casos espalhados por quase toda Newark e mais distantes da nossa vizinhança. Só por volta do feriado de Quatro de Julho, quando quarenta ocorrências já haviam sido registradas na cidade, apareceu na primeira página do jornal vespertino um artigo intitulado “Autoridade médica alerta os pais contra a poliomielite”, no qual o dr. William Kittell, superintendente do Conselho de Saúde, orientava os pais a observarem de perto seus filhos e a contatarem um médico se qualquer criança apresentasse sintomas tais como dor de cabeça, garganta inflamada, enjoo, pescoço enrijecido, dor nas articulações ou febre. Embora reconhecesse que quarenta casos eram mais que o dobro do número normalmente registrado nos primórdios da estação de pólio, o dr. Kittell fazia questão de

deixar absolutamente claro que a cidade de 429 mil habitantes de forma nenhuma estava sofrendo de algo que pudesse ser caracterizado como uma epidemia da doença. Naquele verão, como em todos os outros, havia motivos de preocupação e era necessário tomar as precauções higiênicas de praxe, porém até o momento não se justificava o tipo de alarme, “perfeitamente compreensível”, que os pais haviam exibido vinte e oito anos antes, durante o maior surto da doença — a epidemia de pólio de 1916 no nordeste dos Estados Unidos, quando ocorreram mais de 27 mil casos e 6 mil mortes. Em Newark, haviam sido observados 1360 casos e 363 mortes.

No entanto, mesmo num ano em que o número de ocorrências se encontrava próximo à média e o risco de contrair a poliomielite era muito menor do que em 1916, uma doença capaz de causar paralisia, deixando uma criança aleijada para sempre ou incapaz de respirar fora de um cilindro de metal conhecido como pulmão de aço — isso quando a paralisia dos músculos respiratórios não levava à morte —, era causa de grande apreensão entre os pais em nossa vizinhança e prejudicava a paz de espírito das crianças que estavam livres da escola durante as férias de verão, podendo brincar do lado de fora o dia todo e aproveitar as longas horas do crepúsculo. A preocupação com as graves consequências de contrair uma forma séria da doença era ainda maior por não existir nenhuma droga capaz de combatê-la e nenhuma vacina que criasse imunidade contra ela. A poliomielite — ou paralisia infantil, como era chamada quando se pensava que atingia principalmente crianças bem pequenas — podia vitimar qualquer pessoa, sem nenhum motivo aparente. Embora as crianças e os jovens de até dezesseis anos fossem os mais vulneráveis, os adultos também podiam ser seriamente infectados, como aconteceu com o então presidente dos Estados Unidos.

Franklin Delano Roosevelt, a mais famosa vítima da poliomielite, era um homem vigoroso de trinta e nove anos quando contraiu a doença; posteriormente, precisava ser apoiado ao caminhar, além de usar pesados suportes de aço e couro, que iam dos tornozelos aos quadris, a fim de se manter de pé. A instituição de benemerência que Roosevelt criou enquanto ocupava a Casa Branca, a March of Dimes, tinha como objetivo angariar recursos para a pesquisa e ajuda financeira às famílias das vítimas; embora fosse possível a recuperação parcial ou até mesmo total, isso costumava exigir muitos meses ou anos de dispendiosas terapias hospitalares e exercícios de reabilitação. Durante as campanhas anuais de captação de fundos, os jovens americanos doavam moedas de dez centavos (*dimes*) nas escolas a fim de contribuir na luta contra a doença ou as depositavam em latas de coleta passadas pelos lanterninhas nos cinemas. Cartazes que anunciavam “Você também pode ajudar!” e “Ajude a combater a pólio!” eram vistos nas paredes das lojas e dos escritórios ou nos corredores das escolas de todo o país, assim como fotografias de crianças em cadeiras de rodas — uma menina bonita usando suportes para as pernas e chupando o polegar com ar tímido, um garotinho de corpo bem-proporcionado com suportes nas pernas e rindo heroicamente numa demonstração de esperança —, cartazes que tornavam a possibilidade de contrair a doença parecer ainda mais assustadoramente real às crianças saudáveis.

Os verões eram muito quentes em Newark, situada numa área baixa. Como boa parte da cidade estava circundada por extensas regiões pantanosas — importante fonte de malária na época em que essa era, também, uma doença incurável —, havia mosquitos em profusão a serem enxotados ou esmagados com um tapa quando nos sentávamos à noite em cadeiras de praia nas

ruelas e entradas de garagem buscando algum alívio fora dos apartamentos sufocantes onde só uma chuva fria e água gelada podiam mitigar o calor infernal. Antes da chegada do ar-condicionado domiciliar, um pequeno ventilador preto, posto sobre a mesa para refrescar minimamente a casa, de pouco servia quando a temperatura passava de trinta e cinco graus, como aconteceu naquele verão ao longo de semanas inteiras. Ao ar livre, as pessoas acendiam velas de citronela e aspergiam Flit para manter à distância os mosquitos e as moscas que eram sabidamente vetores de malária, febre amarela e febre tifoide — ou também da poliomielite, como muitos acreditavam (a começar pelo prefeito de Newark, Drummond, que lançou uma campanha cívica em prol da extinção das moscas). Quando uma mosca ou mosquito conseguia penetrar através das telas do apartamento ou entrava pela porta aberta, o inseto era obstinadamente perseguido com uma raquetinha mata-moscas ou uma lata de Flit devido ao receio de que, se aterrissasse com suas patinhas carregadas de germes numa das crianças que dormiam na casa, ela contrairia a poliomielite. Como naquele tempo ninguém conhecia a fonte do contágio, era possível suspeitar de quase tudo, inclusive dos esqueléticos gatos de rua que invadiam as latas de lixo nos quintais, dos vira-latas de aparência faminta que rondavam as casas e defecavam na rua e nas calçadas, e até mesmo dos pombos que arrulhavam nos telhados e emporcalhavam os degraus do alpendre com seus excrementos esbranquiçados. No primeiro mês do surto — antes que fosse reconhecido como uma epidemia pelo Conselho de Saúde —, o departamento de saúde pública se dedicou a exterminar sistematicamente a imensa população de gatos de rua da cidade, muito embora ninguém soubesse se eles tinham mais a ver com a poliomielite que os gatos domesticados.

O que todos sabiam é que a doença era altamente contagiosa e podia ser transmitida às pessoas saudáveis pela simples pro-

ximidade física com as já infectadas. Por isso, à medida que o número de casos foi aumentando na cidade — juntamente com o medo coletivo —, muitas crianças onde morávamos se viram proibidas pelos pais de usar a grande piscina pública do Parque Olímpico na vizinha Irvington, proibidas de frequentar os cinemas refrigerados nas redondezas e proibidas de tomar o ônibus para ir ao centro ou à avenida Wilson ver os Newark Bears, nosso time de beisebol da segunda divisão, jogar no Estádio Ruppert. Fomos advertidos a não utilizar banheiros ou bebedouros públicos, não tomar nem um gole da garrafa de refrigerante de algum amigo, não apanhar friagem, não brincar com estranhos, não pegar livros emprestados na biblioteca, não falar nos telefones pagos, não comprar comida de vendedores de rua ou comer antes de lavar as mãos cuidadosamente com água e sabonete. Precisávamos lavar todas as frutas e verduras antes de comê-las e devíamos ficar longe de quem parecesse doente ou se queixasse de qualquer dos sintomas típicos da poliomielite.

Considerava-se que uma criança estaria mais protegida da doença se escapasse inteiramente do calor da cidade ao ser mandada para uma colônia de férias no interior ou nas montanhas. Ou se passasse o verão a cem quilômetros de distância, na costa de Jersey. As famílias que podiam arcar com tais despesas alugavam um quarto com direito ao uso da cozinha numa pensão na praia Bradley, uma faixa de areia com um calçadão de tábuas à beira-mar e casas de veraneio, de um quilômetro e meio de extensão, que havia décadas atraía os judeus do norte de Jersey. Lá, mães e filhos iam à praia para respirar o ar fresco e revigorante do oceano durante toda a semana, com os pais se juntando a eles nos fins de semana e nas férias. Naturalmente, havia casos de pólio nos campos de verão e nas cidadezinhas litorâneas, mas, como ocorriam em número muito inferior aos verificados em Newark, generalizou-se a crença de que o ambiente urbano,

com as calçadas sujas e o ar parado, facilitava o contágio, enquanto a melhor garantia de escapar à doença podia ser encontrada perto do mar, no campo ou nas montanhas.

Assim, uns poucos privilegiados bafejados pela sorte desapareceram da cidade durante o verão, enquanto o resto da turma ficou para trás a fim de fazer exatamente o que não devíamos, pois se suspeitava que o “esforço excessivo” era outra possível causa da poliomielite: jogávamos uma partida após a outra de beisebol no asfalto escaldante do pátio de recreio da escola, correndo o dia inteiro no calor abrasador, matando a sede com sofreguidão no bebedouro proibido, nos acotovelando num banco nos intervalos, segurando no colo as luvas gastas e encardidas com que no campo enxugávamos o suor da testa para impedir que ele caísse em nossos olhos — fazendo palhaçadas, gozando uns dos outros, envergando nossas camisas empapadas e os tênis malcheirosos, sem dar bola para o fato de que tal imprudência poderia condenar qualquer um de nós à prisão perpétua no pulmão de aço e transformar em realidade os medos mais terríveis do corpo.

Só uma dúzia de garotas frequentava o pátio, quase todas meninas de oito ou nove anos que costumavam ficar pulando corda numa ruela fechada ao trânsito que servia como limite para a parte central do campo de beisebol. Quando não estavam pulando corda, brincavam de amarelinha, corriam de um lado para o outro ou quicavam alegremente uma bola de borracha vermelha durante horas. Às vezes, quando eram usadas duas cordas, cada qual girando numa direção, um dos meninos corria sem ser chamado e, empurrando a garota que estava prestes a pular, se enroscava de propósito nas cordas imitando aos berros a cantoria com que elas acompanhavam os saltos. “H, meu nome é Hipopótamo!” “Para! Para!”, elas gritavam, pedindo a ajuda do fiscal do pátio, que só precisava berrar de onde estava para o bagueiro (quase sempre o mesmo): “Pare com isso, Myron! Dei-

xe as meninas em paz ou vou mandar você para casa!”. Dito isso, tudo se acalmava. Em breve, as cordas mais uma vez estalavam no ar, a cantoria recomeçava, e cada uma que saltava ia dizendo:

A, meu nome é Agnes
Meu marido é o Alfonso,
Nascemos no Alabama
E comemos ananás!

B, meu nome é Bev
Meu marido é o Bill,
Nascemos nas Bermudas
E comemos beterraba!

C, meu nome é...

Com suas vozes infantis, as garotas que faziam ponto na extremidade do pátio improvisavam variantes de A a Z, voltando ao início e começando outra vez, aliterando as palavras ao final de cada verso, em alguns casos com tiradas absurdas. Saltando e disparando para lá e para cá, sempre muito animadas — exceto quando Myron Kopferman e outros como ele as perturbavam de modo grosseiro —, elas exibiam uma energia fabulosa: caso não fossem chamadas pelo fiscal do pátio para irem se proteger do calor na sombra da escola, não arredavam pé da ruela desde a sexta-feira de junho em que terminava o período escolar da primavera até a terça-feira após o Dia do Trabalho, quando tinha início o outono e elas só podiam pular corda depois das aulas ou durante os recreios.

Naquele ano, o fiscal do pátio era Bucky Cantor. Muito míope, usava óculos de lentes grossas e, por isso, era um dos poucos jovens que não estavam lutando na guerra. Desde o último ano

escolar, o sr. Cantor dava aulas de educação física na escola da avenida Chancellor e, portanto, conhecia muitos dos meninos que frequentavam o pátio, por já serem seus alunos de ginástica. Tinha então vinte e três anos, havendo estudado no South Side, um colégio ginásial de Newark que recebia alunos de várias raças e religiões, e na Universidade Panzer de Educação Física e Higiene, em East Orange. Media pouco menos de um metro e sessenta e cinco e, conquanto fosse um grande atleta e tivesse imensa garra, sua altura, combinada à miopia, o impedira de jogar futebol, beisebol ou basquete em nível universitário, limitando sua participação nos torneios intercolégiais ao arremesso de dardo e ao levantamento de peso. Encimando o corpo compacto, havia uma cabeça de bom tamanho, com elementos claramente enviesados: maçãs do rosto largas e salientes, testa quase a prumo, queixo angular e o nariz reto e comprido com uma protuberância na parte superior que dava a seu perfil a nitidez de uma dessas silhuetas gravadas em moedas. Os lábios grossos eram tão bem definidos quanto seus músculos e sua pele permanecia bronzeada o ano inteiro. Desde a adolescência usara o cabelo cortado à escovinha, no estilo militar. Esse corte destacava ainda mais suas orelhas, não por elas serem anormalmente grandes, o que não era o caso, nem por estarem tão coladas à cabeça, mas porque, vistas de lado, exibiam um formato muito semelhante ao do ás de espadas do baralho ou ao das asas nos pés das figuras mitológicas, com as partes superiores quase pontiagudas em vez de redondas como na maioria das orelhas. Antes que seu avô o apelidasse de Bucky, durante algum tempo chegou a ser chamado de Ás pelos amigos de rua, nem tanto por sua maestria precoce nos esportes, mas pela configuração incomum das orelhas.

Os planos enviesados de seu rosto tornavam ainda mais fundos, por trás das lentes, os olhos de um cinza esfumado — olhos compridos e estreitos como os de um asiático, que pareciam

ocupar verdadeiras crateras em seu crânio. Surpreendentemente, a voz que emergia desse rosto delineado com tamanha precisão era bastante aguda, o que não reduzia, porém, a força de sua aparência. Ele tinha o rosto admiravelmente resoluto, fundido em ferro e resistente às intempéries, de um jovem robusto em quem se podia confiar.

Certa tarde, no começo de julho, dois carros cheios de italianos do ginásio East Side, rapazes entre quinze e dezoito anos, estacionaram no alto da rua residencial que contornava os fundos do pátio de recreio. O East Side ficava no bairro de Ironbound, uma área de fábricas e cortiços onde até então havia sido registrado o maior número de casos de pólio. Tão logo o sr. Cantor os viu, largou a luva no chão — ele defendia a terceira base numa de nossas peladas — e deu uma corridinha até o lugar onde se encontravam os dez estranhos saídos dos carros. Seu estilo atlético de correr, com os pés virados para dentro, era imitado por todos os garotos que frequentavam o pátio, como também o modo decidido de elevar ligeiramente o corpo quando se movia quase na ponta dos pés e o leve balanço dos ombros musculosos ao andar. Toda a sua postura se tornara um modelo para alguns dos garotos tanto dentro quanto fora do campo de beisebol.

“O que é que vocês querem aqui?”, perguntou o sr. Cantor.

“Estamos espalhando pólio”, um dos italianos respondeu, o primeiro a sair do carro com ares de valentão. “Não é mesmo?”, disse, voltando-se num gesto de bazófia para os companheiros agrupados às suas costas, que, segundo a avaliação imediata do sr. Cantor, estavam loucos para começar uma briga.

“Acho que vocês estão querendo espalhar é confusão”, o sr. Cantor respondeu. “Por que não vão embora daqui?”